

TÉCNICA E SOCIEDADE NO SÉCULO XXI

*Manuel José Lopes da Silva**

I. Introdução

Os três conceitos propostos para reflexão nestes Encontros remetem para a crise actual da nossa civilização. O ponto de partida para o seu entendimento é a invocação do novo relacionamento com a Natureza surgido na Renascença e que arrastou a uma desvalorização do Homem. O poder instrumental da Técnica que não tem cessado de crescer desde então, deve ser hoje gerido por variáveis sociais e contemplar fins culturais.

Verificamos que uma nova sociedade surgiu nos nossos dias – a Sociedade do Conhecimento e da democracia de massa.

É uma sociedade muito complexa, onde surgem promessas e ameaças à humanidade, sendo necessário fixar um sentido aos movimentos criadores do espírito pela recuperação dos valores intelectuais, éticos e estéticos.

O nominalismo contemporâneo, que caracteriza a Sociedade da Informação, deve ser superado por um verdadeiro humanismo.

II. Natureza e técnica

Na filosofia clássica surgida na Grécia há dois mil e quinhentos anos, a contemplação do Kosmos com a sua majestosa Ordem e um Sentido ou uma Teleologia evidentes, causava nos filósofos assombro e contemplação. Deus, Motor Imóvel e Causa das Causas, era o ser que assegurava a unidade do Kosmos Noetos com o Kosmos Aistetos e coroava todo o Universo.

Esta perspectiva não era incompatível com o estudo da mecânica que Arquimedes realizou dum modo ainda hoje admirável, e que conduziu a portentosas realizações como máquinas de guerra e autómatos.

* Prof. Jub. UNL, Investigador do CECL/DCC

Cortando com a tradição dos antigos, a Filosofia da Renascença fez uma opção intelectual de importância capital ao separar o mundo dos corpos do mundo das mentes, com consequências em todos os ramos do conhecimento. Os filósofos abandonaram a atitude contemplativa e adoptaram uma atitude instrumental, procurando dominar a Natureza, e pô-la ao serviço do Homem.

Esta “via modernorum” conduziu a dramáticas consequências, com a alienação do Mundo e o seu desencantamento (*entzauberung*), com a substituição duma cósmica realidade ordenada, pela sua representação, e com a substituição do Homem Corpo/Alma por um sujeito cognoscente.

Para dominar a Natureza surgiu um método prático, o da “experiência analítica.”, que na mecânica se revelou eficaz mas que, generalizado a todas as ciências, levou a uma descontextualização dos saberes.

Uma característica desta filosofia consistia também em atribuir à Razão um primado absoluto no processo do Conhecimento e de tal modo, que surgiu o Método de Descartes permitindo que até as pessoas menos instruídas acessem aos mais altos níveis de entendimento.

Passou-se assim da contemplação dum Kosmos ordenado e pleno de sentido, à observação de um caos material regido por movimentos mecânicos, em que uma subjectividade enfrenta uma natureza sem sentido.

O subjectivismo da modernidade levou directamente à volatilização do sujeito da filosofia actual presente no estruturalismo, no pós-estruturalismo e no pós-modernismo.

Como consequência, abandonou-se em Política o velho princípio da solidariedade natural e o reconhecimento dos fins do Homem que foi substituído pelo indivíduo/cidadão que luta pela liberdade, igualdade e fraternidade.

Surge uma entidade nova, o Estado Nação, o império da deusa Razão e também o “*Homo homini lupus*” de Hobbes.

A generalizada racionalização da sociedade, com a aparecimento da Burocracia, começou a causar apreensões sobre a redução dos indivíduos a simples peças inconscientes dos processos sociais, situação hoje agravada com o impacto dos modernos MCS.

A actual aliança entre a Ciência, a Técnica e a Economia aponta um caminho para o progresso que não contempla os valores superiores da sociedade, antes se confinando a razões de carácter pragmático. E enquanto o poder instrumental aumenta sem cessar, assistimos a uma insensata exploração da Natureza e ao desrespeito pelo Homem, com problemas na área ecológica (resíduos), de saúde (sida), bélicos (poder nuclear), psicológicos (manipulação das massas).

Como já Heisenberg dizia, o homem enfrenta o perigo da incerteza nos movimentos do espírito criador sendo necessário, cada vez mais, recuperar o sentido mediante um pensamento realista respeitador da dignidade da Pessoa humana e da complexidade do Mundo em que vivemos.

III. Técnica e sociedade

A Técnica tem por objectivo fundamental transformar os bens naturais para melhorar as condições de existência da humanidade, enquanto que a Tecnologia é a aplicação sistemática da Ciência à Técnica.

Na actual sociedade há uma dependência circular entre Ciência e Tecnologia como facilmente se vê na evolução da Física Nuclear, na Cibernética ou nas novas Bio-Tecnologias.

A evolução tecnológica é condicionada por algumas variáveis sociais como a demografia, com a sua pirâmide de idades, a economia com os seus mercados de capitais, de bens e serviços e de consumo, a política com o regimen mais ou menos liberal ou os critérios de atribuição de subsídios, a sociologia com os problemas do emprego, a geo-física com o clima ou os transportes.

Há também problemas puramente tecnológicos como o aparecimento de invenções, a política de inovação, as transferências de tecnologia, a organização do trabalho ou o tipo de produção (manual /mecânica).

O desenvolvimento da Tecnologia tem conduzido a uma complexificação crescente, que é objecto de estudo de vários autores como Mumford. Ele propõe a consideração de três fases em tal evolução, começando pela Eotécnica durante a qual os recursos utilizados eram a água e o vento, a par da madeira.

Depois segue-se a Paleotécnica que já explorava o carvão e o ferro e desenvolvia a industrialização com base na máquina a vapor.

Vem a seguir a Neotécnica (entre 1940 e 1980) baseada no petróleo, na energia nuclear e nas energias renováveis.

Aparentemente entrámos numa outra fase, a Infotécnica, dominada pela informação, pela inovação/ invenção e pela mundialização.

Vivemos numa nova sociedade, a Sociedade do Conhecimento, caracterizada pela expansão das Info/Biotecnologias, pela instauração duma democracia de massa e pela triunfo das leis do mercado.

Mas a evolução tecnológica deve ser orientado sobretudo pelos valores da nossa Cultura, que é fundamentalmente uma cultura humanista, havendo no entanto o grande perigo duma evolução pragmática muito condicionada pela economia.

IV. Cultura hodierna

Ao falarmos de Cultura e Sociedade não podemos deixar de invocar o pensamento dum filósofo muito polémico, Oswaldo Spengler, sem dúvida extremamente sugestivo e mesmo fascinante, que viveu na primeira metade do século passado e deixou uma obra com muito impacto na época.

Para ele a nossa cultura Ocidental entrou em declínio tornando-se numa Civilização, também ela aproximando-se dum epílogo que dará lugar a um novo recomeçar. Na fase final desta evolução a Técnica tem um papel importante a desempenhar ainda que à custa do apagamento das formas superiores do pensamento.

A grande intuição de Spengler leva-o a associar a este florescimento técnico também o reforço do papel do dinheiro, isto é, da Economia.

E de tal modo as condições económicas passam a ser centrais, que a própria Política é por elas condicionada.

Paralelamente assiste-se ao desenvolvimento duma mentalidade matemática que passa a superar todas as outras perspectivas, e que exhibe a pretensão de dispor das soluções definitivas. Em tais condições surge uma concepção materialista do Homem e do Mundo que se reflecte claramente na Arte.

É a época das formas artísticas ressequidas e mesmo do mau gosto, ao mesmo tempo que triunfa a Lógica e o Número.

A Economia evolui de modo a suscitar o aparecimento de Imperialismos e as consequentes guerras.

Ao reflectir sobre estas considerações, escritas no começo do Sec.XX, não podemos deixar de as aplicar à nossa própria sociedade do Sec. XXI aquela que designamos por Sociedade da Informação.

Não há dúvida de que esta sociedade é a sociedade do número não só por se basear em sistemas digitais (os dos computadores), mas porque também as progressivas racionalização e burocratização da sociedade se fazem com base em índices, quadros, gráficos. Um quadro com números tem na nossa sociedade um peso argumentativo convencional, mas totalmente injustificado.

Uma tal organização social acaba por criar uma grande opressão psico-social e um empobrecimento intelectual e afectivo das pessoas.

E como sugere Spengler há um manifesto empobrecimento cultural, e surge a suspeita (que ele não pôde prever) de que os MCS estão a contribuir muito para tal.

Há hoje a consciência de que o neo-liberalismo só piora a situação, ao insistir em recusar as várias formas de controle social.

No domínio da Comunicação verificamos que ela é hoje dominada pelo mercado, cujas forças propulsoras têm finalidades exclusivamente consumistas e materialistas.

Assumimos viver por isso numa democracia de massa, bem diferente da que Kant contemplava ao fazer o elogio da opinião Pública.

Numa perspectiva antropológica temos de concordar em que vivemos numa Era de vazio cultural em que se generalizou um embaraçoso relativismo ético, intimamente associado ao materialismo e ao consumismo que fomentam um narcisismo atrofiante.

Como já previra Spengler, em filosofia há o triunfo da Lógica (matemática), do pragmatismo e do positivismo, bem presentes na Filosofia Analítica. Em termos gerais podemos dizer que o pensamento filosófico mais influente tem um carácter nominalista, privilegiando as palavras sobre as coisas que elas representam. E este nominalismo, tal como os antigos, tem repercussões materialistas sobre a sociedade como o demonstra a actual sociedade de massa.

Uma reflexão sobre a sociedade conduz de várias maneiras à conclusão de que temos uma urgente necessidade de recuperar o sentido dum verdadeiro humanismo, que nos ajude a superar os perigos da actual sociedade de consumo.

V. Perspectiva final

Assistimos às consequências (terminais?) da opção intelectual tomada na Renascença por um imanentismo materialista.

A uma hipervalorização da Tecnologia correspondeu uma desvalorização das pessoas, a pesar das boas intenções da ilustração.

Mas hoje em dia o aspecto mais perigoso é a hegemonia do Poder Económico que condiciona todos os outros (o Político e o Social) ao mesmo tempo que há um enfraquecimento da sociedade, entorpecida pela massificação e manipulação.

À Filosofia que sempre reflectiu as crises da sociedade compete contribuir para a recuperação do respeito pela pessoa humana, com uma dignidade que supera os meros interesses do mercado ou mesmo os sociais e políticos, e de contribuir também para a recuperação do respeito pela natureza que a Ciência e a Tecnologia de hoje estão a explorar mais intensa e cegamente do que nunca.